

# BARTOMÉ DE LAS CASAS, CONSERVADOR OU DESTRUIDOR DAS CULTURAS NATIVAS AMERICANAS

Raimundo Nonato Vieira<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo pergunta e reflete sobre o desafio de se compreender Bartolomé de Las Casas na perspectiva de correntes do pensamento sócio histórico, que estuda o dominicano dentro do ambiente de conquista da América. A primeira, a partir de uma reflexão teórica dos sistemas de poder simbólico, pergunta se Las Casas está imbuído do espírito conquistador, porém com interesses religiosos, e usa de sistemas simbólicos de poder, como a religião dialógica, para dominar o indígena e destruir sua cultura. O artigo observa que a partir de uma hermenêutica historiográfica, pautada na semântica de textos do próprio frade dominicano e de seus oponentes políticos, ideológicos e acadêmicos, Las Casas teria contribuído para a destruição da cultura indígena da América andina. Entretanto, fazendo uso dos mesmos recursos historiográfico, e com o auxílio teórico da teoria da *Ação Comunicativa* de Jürgen Habermas, pode se ver Las Casas como um defensor dos índios americanos e de sua cultura. A partir da compreensão de que os *vencidos* podem *simular* sua apreciação ao que lhe é trazido à força, ou mesmo com diálogo, pode se compreender, a partir de alguns fragmentos de escritos de Las Casas e de escritores contemporâneos seus, que o próprio dominicano pode simular a conquista dos índios para a fé católica. Por fim, Bartolomé de Las Casas é celebrado como o defensor dos povos, pai dos direitos humanos, que seria sistematizado a partir da Revolução Francesa, por esse motivo, basta seguir os argumentos da maioria e teríamos a imagem e Las Casas que prega e vive a alteridade e inclusão dos povos americanos como tendo o direito natural de se organizar como Estado livre e preservar sua cultura, religião e identidade ameríndia.

**Palavras chaves:** Poder simbólico. Sistema simbólico. Simulação. Inclusão. Alteridade. Cultura.

## ABSTRACT

This article asks and reflects on the challenge of understanding Bartolomé de Las Casas from the perspective of social-historical thought currents, which studies the Dominican within the environment of conquest of America. The first current, based on a theoretical reflexion of the systems of symbolic power, asks whether Las Casas is imbued with the conquering spirit, but with religious interests, and uses symbolic systems of power, such as the dialogic religion, to dominate the indigenous and destroy their culture. The article observes that from a historiographical hermeneutics based on the semantics of texts of the Dominican friar himself, as well as his political, ideological and academic opponents, Las Casas would have contributed for the destruction of the indigenous culture of Andean America. However, using the same historiographic resources, and with the theoretical help of Jürgen Habermas' theory of Communicative Action, Las Casas can be seen as a defender of American Indians and their culture. From the understanding that the defeated can simulate their appreciation of what is brought to them by force, or even through dialogue, it is possible to perceive, out of some fragments of Las

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Religião pela UNICAP. Especialista em Docência em Filosofia e Sociologia pela Faculdade Salesiano. Graduado em Teologia pela Faculdade de Teologia Fateh; Licenciado em História pela FUNESO; Mestrado (livre) em Missões Urbana pela Faculdade Sul americana; Pastor da Igreja Evangélica Livre em Curitiba; Endereço eletrônico: nonatovieira@hotmail.com

Casas writings and his contemporary writers, that the Dominican himself can simulate the conquest of the Indians for the Catholic faith. Finally, Bartolomé de Las Casas is celebrated as the defender of peoples and the father of the human rights, which would be systematized after the French Revolution. For that reason, it would be enough to follow the arguments of the majority to have the image of a Las Casas who preaches and lives the alterity and inclusion of the American peoples as having the natural right of organizing themselves as a free State, preserving their culture, religion and Amerindian identity.

**Keywords:** Symbolic power. Symbolic system. Simulation. Inclusion. Otherness. Culture.

## INTRODUÇÃO

Esta abordagem constitui-se num tema de grande relevância para o momento histórico da América Latina. Pois, a mesma está em uma crise de identidade, quando completa mais de uma década que o mundo lembrou os 500 anos de sua invasão e colonização, pois se permanece como produtora de força e riqueza para os países ricos ou se assume como povo de origem dos vencidos e continua a sua luta pela liberdade. Também estamos em um momento de grandes discursões em torno do papel da América pobre, na economia, geopolítica, nas negociações de paz e de sua afirmação internacional em geral.

No fenômeno histórico, que é o envolvimento de Bartolomé de Las Casas com os índios da América Andina, podemos encontrar uma referência para um modelo de continuação de sobreposição de culturas que se consideram superiores, sobre as que consideram inferiores ou um exemplo de alteridade e de inclusão do outro.

Diante disso, se faz algumas perguntas, que serão investigadas neste artigo: É possível que Las Casas tenha exercido um poder simbólico, por exemplo o da religião para dominar os indígenas? É possível que os índios tenham compreendido Las Casas como à semelhança de seus demais inimigos espanhóis, porém simularam sua aceitação? Las Casas foi um defensor da cultura indígena? Ou Bartolomé de Las Casas, assim como seus compatriotas destruiu a cultura dos índios da América andina com interesses escusos?

O que se perceberá com este artigo é que a história de Bartolomé de Las Casas, seja ele um defensor ou destruidor da cultura dos povos da América andina, é uma força ou um fenômeno para se verificar como é possível os sistemas simbólicos se amalgamarem em um processo de dominação. Mas também se pode perceber, que em meio ao caos, no meio do que hoje se poderia chamar de

genocídio, pode haver o diálogo, a presença áter da inclusão do outro, considerando-o sujeito político comunitário, que possui poderes de matizes naturais.

A ideia sobre este artigo e esta temática tem como principal objetivo oferecer uma resposta introdutória para responder a questão se Bartolomé de Las Casas foi um defensor ou um destruidor da cultura ameríndia.

Mas também se quer entender como se trabalhar um personagem histórico, não o vendo apenas por um prisma estigmatizado, seja positivo ou negativo, mas a partir de métodos hermenêutico-historiográficos, descrevê-lo sobre mais de um ângulo e possibilidade para compreendê-lo.

Este artigo é fruto de um trabalho bibliográfico, onde a matriz dos pensamentos girará muito em torno de Jürgen Habermas, Pierre Bourdieu, as próprias obras de Las Casas, Bruit e outras fontes. Muitas outras obras e ideias fundantes para compreender Las Casas ficarão fora por questão de delimitação de espaço.

Este artigo está longe de querer responder todas as questões, pelas quais existem pessoas fazendo trabalhos árduos e outras com longas experiências na pesquisa historiográfica em Bartolomé de Las Casas.

Não se tem a pretensão de ser a última palavra nesta abordagem, muito pelo contrário, está sendo exposto para crítica e contribuição com outras abordagens nesta direção.

## **1 COMPREENDENDO A RELAÇÃO DE PODER ENTRE DOMINADO E DOMINADOR**

Neste primeiro momento é de fundamental importância estabelecer uma referência teórica para estudar este fenômeno histórico que é o envolvimento de Bartolomé de Las Casas com os índios da América Andina. Para esta tarefa vamos fazer uso dos teóricos que trabalham a relação de poder e de domínio, tanto o sujeito dominador como do subalterno, ou usando a expressão de Hector Hernan Bruit, os *vencidos*.

Segundo o testemunho da historiografia da América Latina, o modelo que temos nos lastros de nossa história é da condição de dominados diante de incansáveis dominadores. Em outras palavras podemos dizer:

Perdemos; outros ganharam. Mas acontece que aqueles que ganharam, ganharam graças ao que nós perdemos: a história do subdesenvolvimento da América Latina integra, como já disse, a história do desenvolvimento do

capitalismo mundial. *Nossa derrota esteve sempre implícita na vitória alheia, nossa riqueza gerou sempre a nossa pobreza para alimentar a prosperidade dos outros: os impérios e seus agentes nativos. Na alquimia colonial e neocolonial, o ouro se transforma em sucata e os alimentos se convertem em veneno.* (GALEANO, 1983, p. 14)

Entende-se que o Brasil, como parte do mundo subalterno, deve investir na compreensão destes fenômenos de forma prioritária, sob o perigo de ser, por eles engolido, sem chances, pois compreender as relações de poder é fundamental para uma sociedade construída na base da desigualdade social, econômica e política. Assim, Mignolo tenta nos introduzir na importância dos estudos que analisa os subalternos:

...Em um mundo onde os processos civilizadores movem-se em todas as direções possíveis, os Estudos Subalternos poderiam contribuir para descolonizar a pesquisa, refletindo criticamente sobre sua própria produção e reprodução de conhecimento e evitando a reinscrição das estratégias de subalternização. (MIGNOLO, 2003, p. 203)

Na compreensão de Mignolo, a ideia de subalterno compreende todo um sistema de dominação, que vai desde a dominação física, psicológica, ideológica até a forma de estudar os fenômenos, dando aos dominadores razão e cerceando a cosmovisão dos “vencidos”.

Já foi muito dito que a história é narrada na perspectiva dos vencedores. Por isso, até o encontro do quinto centenário da descoberta da América Latina, realizado pela Igreja Católica, a tentativa de dar nomes não ofensivos para a destruição dos nativos é constante no seu relatório final. Naquele encontro as denúncias de Las Casas perderam força e a versão preferida é daqueles que ridicularizam sua narrativa.

Baseado nestas considerações iniciais pode-se ater ao pensamento de Bourdieu para fundamentar teoricamente o poder sobre os subalternos como algo que pode ser manifestado em silêncio, em vez de armas e fogo, utiliza-se o poder simbólico nas ideologias várias, inclusive a religiosa, a artística e a linguística.

Na sua obra *o Poder Simbólico*, Bourdieu fundamenta teoricamente esta possibilidade, numa perspectiva sociológica, mas que muito nos vale para compreender a relação de Las Casas e os indígenas da, hoje, Américas Central e do Sul. O que vai nos interessar para esta verificação é o seu primeiro capítulo, onde se encontra a fundamentação da possibilidade verossímil de alguém dominar outro com base em um *poder simbólico*. Depois de fazer uso de filósofos e sociólogos clássicos para lhe dar apoio teórico passa a sistematizar seu estudo:

Primeiramente: Os “*sistemas simbólicos*” como estruturas estruturadas (passíveis de uma análise estrutural).

Para este pensador, o sistema simbólico é um sistema de conhecimento e comunicação e estes são estruturados, capazes assim de exercer um poder estruturante.

O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo que Durkheim chama o *conformismo lógico*, quer dizer, “uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências”. (BOURDIEU, 2000, p. 9)

Para Bourdieu, o poder simbólico se sustenta ancorado por amarras que confere uma estrutura capaz de criar o *opus operatum* que legaliza uma *função social*, e que por sua vez, cria, dentro da estrutura de dominação, o *consensus* em torno de um mundo construído pelos elementos de dominação, como a *religião*, a *língua* e a *arte* que confere validade moral pela integração lógica do mundo estruturado pelo sistema simbólico.

Um segundo apontamento de Bourdieu, para sustentar a validade desta teoria é: *As produções simbólicas como instrumentos de dominação*.

Segundo este pensamento, as produções simbólicas são fabricadas pela classe dominante para exercer domínio ideológico, usando assim elementos do *modus operandi*, exercendo poder sem questionamento ou sem grandes crises.

Conforme o autor supra citado,

A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções. Este efeito ideológico, produzi-lo a cultura dominante dissimulando a função de divisão na função de comunicação: a cultura que une (intermediário de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante (BOURDIEU, 2000).

Para Bourdieu, a comunicação é elemento fundante no processo de dominação através das produções simbólicas, pois esta se amalgama na cultura e se manifesta para impingir as justificativas legais de dominadores sobre dominados ideologicamente e mesmo fisicamente. Isso porque a comunicação precisa de um veículo inexorável para se alastrar e dar sentido à cultura de seus receptores circulares.

A comunicação é instrumento para dar sentido ao mundo (Richard Dimbleby e Graeme Burton, 1990, p. 32), este sentido gnosiológico constrói sentidos de verdade, crença, valores nas relações políticas em processo, arrefecendo a resistência e até mesmo trazendo a culpa para os que desejam liberdade das imposições por essa nova ideia de mundo instaurada.

Um terceiro e último ponto importante abordado por Pierre Bourdieu que interessa a esta construção teórica é: *Os sistemas ideológicos que os especialistas produzem para a luta pelo monopólio da produção ideológica legítima – e por meio dessa luta –, sendo instrumentos de dominação estruturantes pois que estão estruturados, reproduzem sob forma irreconhecível, por intermédio da homologia entre o campo de produção ideológica e o campo das classes sociais, a estrutura do campo das classes sociais.*

É perceptível, nesse ponto, a presença na necessidade de legitimação do poder pelo outro para que seu exercício surta efeito, ou seja, não pode ser introduzido fora do instrumento de comunicação entrelaçada na linguagem da cultura. Para Bourdieu é realizado a introdução da noção dos sistemas simbólicos, sistemas de comunicação e conhecimento cujo poder serve à construção da realidade que tende a estabelecer um sentido imediato do mundo social, ou seja, uma concepção homogênea do tempo, do espaço, da causa, tornando possível a concordância entre os atores sociais (CAPPELLE, MELO & BRITO, 2011, p 359).

Nas palavras de Bourdieu, “os sistemas simbólicos devem sua força ao facto de as relações de força que nele se exprimem só se manifestarem neles em forma irreconhecível de relações de sentido (deslocação)” (BOURDIEU, 2000, p 14).

Bourdieu não critica o poder simbólico como algo nocivo às sociedades, mas como algo que explica o jogo de alternância de poder, tanto político, econômico, como social. Ele defende a existência do poder simbólico, mediante o qual, as classes dominantes (ou campos dominantes) são beneficiárias de um capital simbólico, disseminado e reproduzido por meio de instituições e práticas sociais, que lhes possibilita exercer o poder. Para o autor, esses símbolos são instrumentos por excelência da integração social e tornam possível se obter o consenso acerca do sentido do mundo social o qual contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social dominante (*Ibd.*, 2011, p 359).

Esta descrição da teoria de Pierre Bourdieu serve para situar a atual verificação em torno da figura de Bartolomé de Las Casas. Baseado neste

referencial teórico pode se afirmar que é possível que a devoção de uma pessoa para um determinado grupo de uma sociedade pode ser uma manifestação de domínio através de produções simbólicas de poder e esse mecanismo de poder dispara um dispositivo que conta com a submissão dos dominados, ainda que simuladamente.

De posse deste referencial, se passa a responder a pergunta se Bartomé de Las Casas é conservador ou destruidor das culturas nativas americanas.

## **2 A RELAÇÃO DE LAS CASAS COM A CONQUISTA DA AMÉRICA – DESTRUIDOR DAS CULTURAS AMERICANAS?**

Estudar Las Casas, investigando a possibilidade deste ser um destruidor das culturas americanas ao lado dos demais conquistadores, se constitui em um grande desafio, pois a historiografia, na sua maioria, o trata como defensor do índio e sua cultura. Para tanto será necessário analisar algumas falas de Las Casas numa perspectiva da semântica, também trabalhar algumas considerações da historiografia de seu tempo e contemporânea sobre este personagem.

Em um texto de um periódico da Unesco – O Correio – de 1975, Las Casas é visto como apóstolo dos índios, demonstrando também que este é um personagem controvertido da história:

O padre Bartolomé de Las Casas é uma das figuras mais controvertida da história. Para alguns ele foi o “apóstolo dos Índios”, para outros o autor da “lenda negra” antiespanhola, e ainda antes de sua morte foi assunto de discursões hostis e apaixonadas (LOSADA, 1975, p. 4).

Tratar-se-á da “lenda negra” mais tarde, pois esta é uma questão que suscita dúvidas sobre o caráter da defesa de Las Casas dos índios e a cultura americana. Mas, não se pode deixar de considerar algumas informações básicas da biografia do bispo de Chiapas para dar prosseguimento ao estudo histórico sobre Bartolomé de Las Casas.

Acompanhando a divisão feita pela “O Correio”, pode se dividir em quatro principais momentos a biografia de Las Casas: Primeiro, “seu nascimento e formação (1474-1502)”. É incerta a data de seu nascimento, mas é provável que tenha sido em Sevilha em 1474; seu pai foi Pedro de Las Casas, mercador e muito próximo de Colombo. O mesmo até participou da segunda viagem ao Novo Mundo. “Bartolomé recebeu instrução primária e secundária em Sevilha, onde estudou

humanidades e se bacharelou em artes” (1975, p 4). Com esta formação podia pleitear um lugar junto à ordens menores, o que aconteceu, tornando-se padre catequizador, através de tal ofício aventura-se em viagens ao Novo Mundo.

O segundo momento de sua biografia que interessa a este trabalho é “o padre e colono na América Central – primeira conversão (1502-1522)”. Nicolas de Ovando fora enviado, comandando uma expedição, enviado pela Corte, expedição esta que fazia parte Las Casas, na qualidade de padre catequista:

Las Casa desembarcou em Santo Domingo (Hispaniola) a 15 de abril de 1502, e nos primeiros anos seu estilo de vida não foi diferente do de nenhum outro colono emigrante. Com a mão-de-obra indígena ele administra a propriedade que o seu pai lhe deixou, toma parte nas guerras que Ovando fez contra índios rebeldes, e como qualquer outro *encomendero* não tinha escrúpulo em explorar o trabalho indígena, fato que ia se arrepender amargamente mais tarde (LOSADA, 1975, p. 5).

Neste contexto de explorador é que se dá a conversão de Las Casas, pois naqueles dias, os dominicanos, representado por Antônio de Montesinos, faziam homilias de condenação da forma com que os nativos eram tratados e escravizados. Na homilia do advento, em 1511 Montesinos pergunta:

Éstos, ¿No son hombres? ¿No tienen animas racionales? ¿No sois obligados a amallos como a vosotros mismos? ¿Esto no entendéis? ¿Esto no sentís? ¿Como estáis em tan profundidade de sueño tan letárgico dormidos? Tened por certo que em el estado que estáis no os podeis más salvar que los moros o turcos que carecen Y no quieren la fe de Jesucristo (CASAS, 1995, p. 441).

Este sermão desagradou a todos, espanhóis colonizadores, padres catequistas e pessoas da Corte, mas segundo suas próprias palavras, causou um efeito profundo na mente de Las Casas. O padre catequista continua como representante da coroa e da igreja na Colônia, mesmo depois de “ser impactado” com as palavras de Montesinos, e somente depois da investida na Ilha de Cuba se dá, segundo o próprio padre, a mudança na sua prática, fruto de sua compreensão do que Deus pensava daquela gente, após deparar-se com um texto da Bíblia em Eclesiástico 34.18 para preparar seu sermão em 1514, por ocasião da festa de Pentecostes (FREITAS NETO, 2003, p. 40).

Em 1515 Las Casas volta para a Espanha e transmite, em um relatório detalhado, para as autoridades, inclusive o futuro Rei Carlos I sobre as atrocidades cometidas contra os indígenas do Novo Mundo. Também tem suas informações conhecidas pelo Co-Regente Francisco Ximénez de Cisneros, Cardeal de Espanha e Arcebispo de Toledo, que dá crédito às suas palavras e o nomeia seu conselheiro



para assuntos das Índias. Também é nomeado Procurador e Protetor Universal dos índios, tendo como recompensa um salário de cem pesos de ouro, pois este era um cargo reconhecido e pago pela Coroa.

Porém, os relatórios de Las Casas sempre estiveram em divergência com os relatórios dos frades jerônimos. Estes acusavam Las Casas de exageros em suas descrições e até mesmo de mentiras.

O terceiro momento biográfico escolhido para este artigo, é “o ingresso na Ordem Dominicana – ‘segunda conversão’ (1522-1550). Las Casas estava frustrado em função de seu plano de colonização pacífica, trazendo trabalhadores espanhóis para trabalhar e ensinar os indígenas a trabalharem a terra, na qualidade de pessoas livres, não ter funcionado, após ganhar a concessão de uma faixa de terra na Venezuela para este fim. Pois, o que se sabe é que a principal razão de não ter funcionado foi a deserção dos espanhóis, por não suportar a carga de trabalho.

Em 1523 fez sua profissão de fé como monge dominicano, daí ficou enclausurado na vida monástica até 1530, se aprofundando nos estudos jurídicos e teológicos, tendo este tempo como a base para sua vasta obra literária.

Com esta nova e rica bagagem cultural, e com o apoio de seus irmãos religiosos, Bartolomé se lança novamente à luta. Muito acertadamente ele sente que seu caminho não é o do missionário ambulante entre os indígenas pagãos, mas a via que lhe facilita o acesso à Corte e até o Papa, para levar-lhes seus princípios de colonização pacíficas (*Ibd.*, 1975, 8).

A partir desse momento, Las Casas enfrentará seus maiores inimigos, no campo da retórica jurídica, como inimigos políticos, religiosos e até mesmo ligados aos interesses econômicos. Conforme a observação de Losada à cima, Las Casas não está só, pois tem o apoio de sua ordem religiosa que tinha muitos poderes.

Após esta etapa de sua vida, descrevemos o último momento de sua biografia, conforme Losada, “sua campanha na Península pelos direitos humanos dos índios (1550-1559).

Hernán Cortéz, representando os interesses dos conquistadores, indica o humanista, cronista e confessor de Carlos V, Juan Ginés de Sepúlveda, para ser o advogado dos mesmos contra os princípios levantados por Las Casas para fundamentar a colonização do Novo Mundo, inclusive a abolição da *encomienda*<sup>2</sup>. Este escreve um tratado em defesa dos conquistadores com o seguinte título:

---

<sup>2</sup> Era o direito de propriedade concedido aos espanhóis na América espanhola que lhes dava o poder de exercerem pleno domínio sobre os indígenas.

*Demócrates Segundo o de las justas causas de la guerra contra los índios*, onde justifica o direito das *encomiendas* e direito de fazer guerra contra os índios que não aceitem o evangelho.

Como imperava o impasse na própria Coroa, em relação a estas confrontações de entendimento do direito, principalmente fundamentados em Aristóteles e Tomás de Aquino, Carlos V decide convocar uma “junta de teólogos e juristas” em Valladolid (1550-1551) para que nela ambas as partes medissem forças” (LOSADA, 1975, p. 8).

O debate de Valladolid colocava a própria coroa em situação delicada, pois esta era responsável pelas investidas de conquista na América. Esta realidade levou o Imperador Carlos V a suspender toda guerra por conquista no Novo Mundo, enquanto durasse o debate.

O resultado do Debate foi decepcionante, pois a junta não deu nenhum veredito final, deixando que cada lado se posicionasse como vencedor. Mas houveram resultados em termos de justiça para os índios, porém quando as mudanças os alcançaram, estes já haviam, na sua maioria, sido dizimados. Las Casas, por outro lado, se fechou, entrando em um ostracismo e perda de relevância política, para os mais críticos, era uma busca pessoal contra Sepúlveda. Mas ainda antes de sua morte se dedicou a escrever grandes tratados, na sua maioria voltada para a defesa dos índios. Bartolomé de Las Casas morreu aos 92 anos, em 1566.

De uma vez feito um resumo da biografia do dominicano, passa-se a descrever brevemente Las Casas como um destruidor da cultura indígena americana, como uma possibilidade, pois se fará uso de uma metodologia historiográfica que permita olhar o personagem sobre os dois ângulos proposto e utilizando de seus discursos, dos discursos de seus oponentes e dos historiadores para embrionar uma visão lascasiana na perspectiva de quem pode ter utilizado de sistemas de poder simbólicos para dominar e conquistar.

Não se pode deixar de considerar a premissa básica da razão do interesse de Las Casas pelos índios americanos, após “sua conversão”, pois o seu olhar está focado no fato de serem capazes de receber instrução religiosa:

Têm o entendimento mui nítido e vivo; são dóceis e capazes de toda boa doutrina. São muito apto a receber nossa santa Fé Católica e a serem instruídos em bons e virtuosos costumes, tendo para tanto menos empecilhos que qualquer outra gente do mundo. E tanto que começaram a apreciar as cousas da Fé são inflamados e ardentes, por sabe-las entender e são assim também no exercício dos sacramentos da igreja e no serviço

divino que verdadeiramente até os religiosos necessitam de singular paciência para suportar... Como essa gente seria feliz se tivesse o conhecimento do verdadeiro Deus! (CASAS, 2011, p. 27).

É de se observar que para Las Casas, os índios precisam aprender a nova fé, pois estes são pagãos e segundo as palavras de Las Casas eles só serão felizes se tiverem o conhecimento do verdadeiro Deus. A religião sempre foi uma comunicação que possui uma exigência – adotar a fé é adotar uma contra cultura. Logo os elementos culturais dos pagãos não podiam coabitar com os elementos do cristianismo.

Outro argumento que pode favorecer a tese de que Bartolomé de Las Casas contribui para a destruição da cultura indígena americana, porque sua preocupação era a dominação dos mesmos por sistemas simbólicos de poder, é sua visão inicial sobre os negros, pois, mesmo o escrito Tonucci atenuando sua culpa, ele é um dos responsáveis pela introdução do negro como escravo na América Central:

Bartolomé de Las Casas, em sua preocupação de proteger os nativos do novo mundo, em 1517 deu apoio a um pedido feito por colonos de Santo Domingo, para que lhe fosse permitido escravos africanos, afim de substituir os índios que deveriam ser libertos (TONUCCI, 1992, p. 46).

Não pode ser negado o fato que Bartolomé toma outra postura mais tarde, inclusive registrando em algumas de suas obras, como em *El Evangelio y la violência*, a liberdade de todos os homens. No período de sua permissão da escravização do negro, Las Casas já é um “convertido”, apesar de estar nos primeiros anos de sua “nova” perspectiva em relação aos índios.

O que teria levado Bartolomé de Las Casas a olhar para o índio de maneira diferente? Pois os relatos das índias possuem duas versões: a de Las Casas e a de outros historiadores, seus contemporâneos, que estiveram nas índias nas expedições que Las Casas também estava presente, como Gonzalo Fernandez de Oviedo. A historiografia mais recente tem determinado como sendo dois discursos com interesses distintos: um religioso (Las Casas) e outro econômico (Oviedo).

Estes discursos podem demonstrar a utilização dos sistemas de poder que cada um conhecia como válido e eficiente, por essa razão a concordância de existir negros escravos, por Las Casas, como parte do discurso para dar credibilidade na imagem que se construía dos religiosos juntos aos indígenas.

Porém, o discurso de Las Casas construiu uma visão do relacionamento dos conquistadores com os índios, que será desmentida por Oviedo, Sepúlveda e alguns

padres jerônimos. O discurso de Las casas criou uma imagem desse relacionamento que fora chamado de “lenda negra”.

Como é sabido, frei Bartolomé de las Casas está na origem da famosa Lenda Negra. Com seus relatos mentirosos e exagerados sobre morticínios e holocaustos, serviu de base para a ampla campanha de desmoralização da católica Espanha levada adiante nos últimos 5 séculos pelos inimigos da Igreja, protestantes e que tais, que difundiram largamente os seus escritos. Nele, o frade acusava os colonizadores espanhóis de praticar deliberadamente o genocídio das populações indígenas (LUIS, 2011).

O escritor a cima mencionado é um pensador “livre”, que possui um sentimento de defesa religiosa nas suas palavras, mas este não deixa de resumir o que pensa muitos historiadores e principalmente os ligados à igreja e a instituição da Espanha. Mas existe uma ideia de que a obra (*Brevíssima Relação da Destruição das Índias* – uma recente edição no Brasil com o título *O paraíso Destruído*) que mais condena os dois acusados fora adulterada:

Um dos livros mais importantes para a difusão da Lenda Negra foi uma versão adulterada da “Brevíssima Relação da Destruição das Índias”, de frei **Bartolomeu de las Casas**, editada de forma fragmentaria em 1598. O libelo acusatório incluía gravuras do famoso editor Teodoro de Bry que exageravam a crueldade dos conquistadores para com os indígenas. Na realidade, a obra original do dominicano espanhol, publicada em Sevilha em 1552, fora encomendada pela Junta de Valladolid, que pretendia que ele apresentasse por escrito e em tom acusatório, embora de forma não tão exagerada, as suas alegações sobre a colonização na América. O objectivo da Junta era persuadir o imperador Carlos V da necessidade de aprovar medidas legislativas para melhorar o tratamento aplicado aos colonizados. Os instigadores da Lenda Negra esqueceram-se de mencionar que, em 1516, o padre Bartolomeu de las Casas fora nomeado “defensor dos índios” pelo regente, o cardeal Cisneros, o que revelava o genuíno interesse da Coroa espanhola pelos seus novos súditos (COHNEN, 2012).

José Amador de los Rios, é apresentador da *magnum opus* de Oviedo, ele fala de três obras que empolgaram a Academia: “la Historia general y natural de Indias, escrita por el capitán Gonzalo Fernandez de Oviedo y Valdés, primer cronista de América; la Historia de Indias de don fray Bartolomé de las Casas” e outra que não vem o caso (RIOS in OVIEDO, 1851, p 4).

Quando Rios vai comentar a razão de primeiro publicar o texto de Oviedo, em 1535, não questiona as informações, mas entende que ambas possuem interesses diversos (la importancia de ambas obras, bien que dirigidas á fin distinto, y la fé que merecían sus autores, quienes pasaron la mayor parte de su vida en aquellas comarcas), mas, a prioridade se deu por, “as atendiendo principalmente al orden cronológico, entre otras poderosas razones. Mas no se levantó por esto mano

de los trabajos relativos á la Historia de Indias del Obispo de Ciudad-Real de Chiapa” (*Ibd.*, 1851, p 4).

Pelo que se percebe, o texto de Las Casas era considerado pesado como o é nos dias atuais, agora a veracidade de seus relatos, sempre será de difícil afirmações categóricas, com base apenas nos seus escritos.

Como já fora mencionado, contrariando a versão da *Brevissima*, os relatos de Oviedo que fora contemporâneo de Las Casas não questiona a originalidade dos escritos do dominicano na referida obra, mas os dados que este relaciona em seus relatórios. Tanto os números não estão de acordo, como as causas das mortes dos indígenas americanos:

O almirante Colombo encontrou, quando descobriu esta Ilha Hispaniola, um milhão de índios e índias... dos quais, e dos que nasceram desde então, não creio que estejam vivos, no presente ano de 1535, quinhentos, incluindo tanto crianças como adultos, que sejam naturais, legítimos e da raça dos primeiros índios... Alguns fizeram esses índios trabalhar excessivamente. Outros não lhes deram nada para comer como bem lhes convinha. Além disso, as pessoas desta região são naturalmente tão inúteis, corruptas, de pouco trabalho, melancólicas, covardes, sujas, de má condição, mentirosas, sem constância e firmeza... Vários índios, por prazer e passatempo, deixaram-se morrer com veneno para não trabalhar. Outros se enforcaram pelas próprias mãos. E quanto aos outros, tais doenças os atingiram que em pouco tempo morreram... Quanto a mim, eu acreditaria antes que Nosso Senhor permitiu, devido aos grandes, enormes e abomináveis pecados dessas pessoas selvagens, rústicas e animalescas, que fossem eliminadas e banidas da superfície terrestre...(OVIEDO, in ROMANO, 1995, p 76).

Este trecho é uma tradução, de uma obra (*L'Histoire des Indes*) de Oviedo, onde o historiador questiona a versão de Las Casas. Na descrição de Oviedo a quantidade de índios não está de acordo com os números dos cinco reinos descrito por Las Casas, com números incríveis, narrado no *Paraíso Destruido*, nos capítulos 1 e 2. Já Oviedo, no primeiro volume da primeira parte de la Historia general y natural de Indias, nos capítulos V a VII, retrata uma abordagem inteiramente pacífica e com trocas de presentes (OVIEDO, 1851, p 21-31). Noble David Cook, descreve está de acordo com Oviedo para a razão da mortandade, especialmente no México:

The arrival of the friars coincided with the appearance in Mexico of one of the most deadly disease outbreaks in the sixteenth century... All sources concur that the death rate from the sickness was horrendous. It afflicted all segments of the population, although native Americans seem hardest hit. Motolinia reported a death rate of 60 to 90 percent. In Tlaxcala, up to 1,000 fell daily... Torquemada, referring to a wide geographical area, estimated that 800,000 died from the disease (COOK, 1998, pp. 100, 102).

Cooke se fundamenta em documentos que relatam a mortandade da época, tanto por espanhóis, franceses, bem como americanos da América Central. Segundo

as palavras do autor, até 1000 pessoas morriam diariamente em Tlascalala, fruto de doenças.

Porque o Bispo de Chiapas teria feito relatórios tão distintos e acusando os conquistadores da maioria absoluta das mortes dos índios americanos na América Andina? Ou, porque se tem uma tensão de nas narrativas, com relatos que visam os interesses de cada grupo, com narrativas distintas? Se Bartolomé inventou os dados ele tinha interesses, que negavam sua dócil aproximação dos índios, o tornando igual aos conquistadores, se ele defende os interesses dos religiosos, e seus relatórios atende esses interesses, a religião é apenas um sistema simbólico de dominação, e portanto, destrói, assim como os conquistadores, a cultura do indígena americanos dos andes.

São apropriadas as Palavras de Olivier Nay, acerca do papel a desempenhar de uma teoria política:

Os regimes despóticos tentam sempre dar ao poder arbitrário uma legitimidade moral. As teorias políticas permitem que os chefes políticos a sua ação sob a autoridade de uma causa transcendente ou de um destino superior (a submissão à vontade divina, o respeito pela ordem natural, a caminhada histórica do povo, a proteção de liberdade, a busca da igualdade...). Antes, ainda, as teorias permitem erigir uma doutrina oficial e orientar as consciências a fim de encorajar a adesão ao regime. Associam a violência das palavras à das armas, a autoridade da moral com o peso da espada. São os prolongamentos da dominação política por outros meios. Neste sentido, são instrumentos de governos essenciais para enraizar um poder e fazê-lo durar (NAY, 2007, p. 10).

Não se pode afirmar que esta tenha sido a intenção de Bartolomé de Las Casas, mas, com a ajuda da historiografia, também não se pode negar tal possibilidade. Com isto não está se negando que frei Bartolomé de Las Casas não possuía traços de um libertário, ainda que teórico, tanto em favor dos índios como em favor de todos os homens.

Como tinha razão Oswaldo de Andrade, não a respeito de um julgamento valorativa da moral de Las Casas, mas sobre todos os movimentos dos novos homens no Novo Mundo, oriundos do Velho:

Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz. Tupi, or not Tupi that is the question. Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos. Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago. Estamos fatigados de todos os maridos católicos suspeitosos postos em drama. Freud acabou com o enigma mulher e com outros sustos da psicologia impressa. O que atropelava a verdade era a roupa, o impermeável entre o mundo interior e o mundo exterior. A reação

contra o homem vestido. O cinema americano informará. Filhos do sol, mãe dos viventes. Encontrados e amados ferozmente, com toda a hipocrisia da saudade, pelos imigrados, pelos traficados e pelos touristes. No país da cobra grande. (ANDRADE, 1928)

Num período quando Igreja e Estado disputavam poder veladamente, o Novo mundo era o nascimento de oportunidades para uma economia empalidecida e uma igreja dividida, procurando preencher seu canteiro de fiéis, produtores de cabeças e riquezas em ouro, de aquisição logística, como dos direitos sobre a terra. Não é difícil imaginar um olhar antropofágico para as novas terras de novos seres.

### **3 INCLUSÃO E ALTERIDADE EM LAS CASAS – DEFENSOR DA IDENTIDADE DO ÍNDIO AMERICANO?**

Este momento do artigo não busca fazer um julgamento valorativo, moral e ético sobre Las Casas, mas uma descrição de seu envolvimento com os índios americanos e sua cultura, e segundo a historiografia, se este contribuiu para a destruição ou preservação dessa cultura. Já vimos antes que, uma hermenêutica historiográfica pode demonstrar que Las Casas possuía interesses de conquistador dos povos americanos, só que a serviço de outro grupo de interesse – o religioso – e para tanto utilizou-se de sistemas simbólicos para aproximar-se e exercer domínio sobre estes povos.

Mas seguindo os mesmos princípios historiográficos, analisando numa perspectiva da história das mentalidades e fazendo uso de uma teoria do *agir comunicativo* pode se enxergar Las Casas sobre outro prisma, alguém que, assim como os indígenas *simulou* para sobreviver entre os conquistadores e a igreja e defender os povos da América.

Peter Burke, em seu livro, *A Revolução Francesa da Historiografia: a escola dos annales (1929-1989)*, descrevendo Lucien Febvre e sua contribuição para o surgimento da escola das mentalidades, cita uma importante obra, que causa surpresa em função da temática e da abordagem, mas algumas coisas são ditas que se aplicam perfeitamente naquilo que se quer fazer de leitura do personagem Bartolomé:

Pode-se ficar surpreso ao deparar com Febvre escrevendo uma biografia histórica nesse momento de sua carreira. Contudo, no prefácio de seu estudo sobre Lutero, o autor previne que não se trata de uma biografia, mas da tentativa de resolver um problema, a saber, “o problema da relação entre

o indivíduo e o grupo, entre a iniciativa pessoal e a necessidade social”. Constatou a existência, em 1517, de seguidores potenciais de Lutero, a burguesia de novo, um grupo social que adquiria “um novo sentido de importância social” e que facilmente se ressentia da intermediação clerical entre Deus e o homem. Mas ao mesmo tempo recusou-se a reduzir as idéias de Lutero a um reflexo dos interesses da burguesia. Pelo contrário, defendia que essas idéias criativas nem sempre eram apropriadas para a sua posição social e tiveram que ser adaptadas às necessidades e à mentalidade da burguesia pelos seguidores de Lutero, especialmente por Melanchton (BURK, 1992, p. 23).

Usando desta mesma metodologia para descrever e compreender Las Casas, pode-se fazer uma descrição histórica, não apenas mecânica, mas tentando compreender a história e seus entrelace psicológico. Partindo desta leitura pode-se seguir o pensamento de muitos historiadores do pensamento ocidental e afirmar que Bartolomé de Las Casas é um grande nome quando se pensa como se fundamentou a forma de pensar e lutar do americano, especialmente na América Central e do Sul.

Bartolomé de las Casas constitui um monumento fundamental e fundador no pensamento latino-americanista liminar. É ele quem transcreve as cartas de Colombo, elabora uma enciclopédica e fabulosa História das Índias, contesta, discute, peleja, filosófica, política e juridicamente contra as guerras de conquista das Américas na sua Apologética Histórica, elabora o Memorial de Remédios para solucionar os problemas que aquela formulou, e até, não longe da ilha Utopia de Morus, faz a denúncia dos prejuízos que provocara a colonização espanhola (salvacionista como a portuguesa ou de todas e qualquer das formas de imperialismo) no seu mais curto e conhecido livro: a Brevísima Relación de la Destrucción de las Indias. Poucos o farão com tanta violenta contundência, desesperado furor e cáustica perseverança de mais de cinquenta anos, como já aludido a cima (RODRIGUES, 2006, p. 25).

Fazendo essa leitura historiográfica, não se cria dois personagens, mas se enfoca sob duas lentes para enxerga-lo e compreende-lo, fazendo assim justiça histórica tanto aos seus escritos, como aos escritos que o acusam.

Freitas Neto, um profícuo estudioso de Las Casas no Brasil, defendeu seu doutorado, trabalhando o trágico na obra lascasiana, entendendo que toda essa imagem destroçante da conquista espanhola na América se dá pelo uso do gênero literário que o dominicano fará – o trágico (FREITAS NETO, 2003, p. 69-72).

Dessa compreensão, interligada com demais leituras que se tem apresentado no decorrer deste artigo, pode se dizer que a compreensão de felicidade desejada para os índios não deixa de passar por uma necessidade moral, no discurso do frei, que segundo uma leitura da teoria do *Agir Comunicativo* de Habermas, não seria uma falsa exigência:

Embora a felicidade de uma vida bem-sucedida não resida numa vida moral, há do ponto de vista de um sujeito que se preocupa com seu bem viver razões racionais para se envolver com circunstâncias morais (sejam



quais forem). Já a partir da perspectiva ética é possível reconhecer que não pode haver um *bem* viver fora de uma comunidade moral (HABERMAS, 2004, p. 35).

Segundo este mesmo teórico, ética moral “só pode levar a um paradoxo, caso se insista na diferença entre o que é bom para cada um e a consideração moral pelos interesses dos outros” (2004, p. 35). Ao que parece, nos discursos de Las Casas em suas obras, ele trabalha com um ideal coletivo, onde as diferenças éticas-morais teriam que ser toleradas, fazendo um esforço para a inclusão dos outros e alteridade por parte de quem o considerava.

Estando de acordo com esta perspectiva, Las Casas compreende que a exigência moral e ética, pode até mesmo ser vivido fora da religião desejada – cristianismo – pois seria melhor do que mata-los por exigência moral, estrangulando o bem viver na cultura de raiz, negando assim qualquer esforço de alteridade para a inclusão e consideração de todos:

Nem a antropofagia nem o sacrifício de vítimas humanas aos deuses, no caso dos índios, são delitos que justifiquem a guerra contra eles; em primeiro lugar, porque é muito reduzido o número de casos, e em segundo, porque tal antropofagia e tal imolação fazem parte essencial de seus ritos religiosos... A mudança de religião, mesmo que se trate de conversão à religião verdadeira, é assunto que não deve ser tratado levemente nem imposto pela força, pois não há passo mais penoso e importante para um homem do que o de abandonar sua religião primitiva, mesmo que ela tenha entre seus ritos o sacrifício de vítimas humanas... (CASAS, 2011, p. 141, 142).

Nestas considerações lascasianas, se percebe o esforço altero do mesmo para considerar o outro e incluí-lo, por isso é que uma tentativa de compreender Las Casas é vê-lo admitindo a possibilidade da simulação dos indígenas como vencidos, como articulação de preservação de sua identidade religiosa e cultural. Entendendo os interesses a que Las Casas defendia, se percebe como foi caro para o frei a postura de alteridade para inclusão do outro.

O professor da Unicamp, Héctor Hernan Bruit, trabalhando esta perspectiva, a justifica fazendo algumas considerações iniciais:

A imagem acerca dos índios – sempre pusilânimes, medrosos e passivos – colocou uma outra questão, que se desprendia dessa imagem: seria possível um comportamento tão passivo, tão destituído de caráter, tão servil, por parte dos ameríndios perante a invasão de seus territórios? (BRUIT, 1995, p. 14)

A partir de uma leitura de Bartolomé, Bruit considera que a sua literatura, deixa um rastro para pensar que este considerava que os índios poderiam está, ao

se submeter à religião católica, simulando uma conversão e submissão e até mesmo uma derrota ideológica e religiosa. Segundo esse pesquisador,

...Las Casas insinuou uma outra idéia que equilibrava ou mesmo desbotava a imagem de índios covardes: a simulação. Derrotados militarmente e violentados pela prática dos invasores, os índios simularam obediência, passividade, servilismo para salvar a pele e, especialmente, sua cultura (*Ibd.*, 1995, p. 14).

Segundo este autor, a imagem construída, a partir desta perspectiva, pode caracterizar os índios sobre suas vertentes: a primeira é mais comumente vista, os indígenas derrotados, sem reação, que se deixam facilmente ser conquistados, passivos diante de seus algozes, lhe tirando assim a condição de sujeitos no processo de conquista e formação da América; entretanto, uma segunda visão que os veja no âmbito da simulação, verá pessoas que resistem, agem de forma incomum, mas fazem isso pela via do silêncio, porém que acaba distorcendo a compreensão mecanizada dos acontecimentos (*Ibd.*, 1995, p. 15-19).

Esta abordagem estar de acordo com a consideração de liberdade, apontado por Habermas, a partir de considerações e diálogos kantianos:

Com certeza, os motivos que são relevantes para a “liberdade” (em sentido kantiano), criam apenas um recorte no espectro das razões, do qual dá provas a imputabilidade dos sujeitos agindo comunicativamente. Kant determina a liberdade geralmente como a capacidade de um ator de ligar sua vontade a máximas, isto é, de orientar seu agir por regras, sobre cujos conceitos ele dispõe. Assim estabelecemos o “livre arbítrio”, de acordo com a inclinação e a finalidade subjetiva eleita para dotar regras da prudência ou da habilidade, enquanto a “vontade livre” segue leis válidas universalmente, que ela se deu por conhecimento próprio, sob o ponto de vista moral. O livre arbítrio vai muito além da vontade livre, mas com respeito a leis objetivas permanece subordinado a ela. Kant... O agir comunicativo coloca em jogo um espectro mais claro dos fundamentos – fundamentos epistêmicos para a verdade das asserções, pontos de vista éticos para a autenticidade de uma escolha de vida, indicadores para a sinceridade das declarações, experiências estética, explicações narrativas, padrões de valores culturais, exigências de direitos, convenções, etc. A imputabilidade não se limita apenas aos critérios da moralidade e da racionalidade objetiva (com respeito a fins). É muitas vezes somente objeto da razão prática, porém *universalmente* na capacidade de um ator de orientar seu agir por exigência de validez (HABERMAS, 2002, p. 49).

No sentido kantiano, argumentado por Habermas, pode se dizer que os ameríndios, quando simulavam se sentiam livres, pois segundo este autor, “entre as ideias práticas da razão, a liberdade é a única da qual Kant julga que possamos reconhecer *a priori* a possibilidade de sua realização” (*Ibd.*, 2002, p. 50).

Com base nesses estudos, tomando o auxílio de alguns teóricos, pode se dizer, que Bartolomé de Las Casas, compreendeu esta simulação e compreendendo isto como liberdade, também simulava com alguns de seus apelos à conversão.

Ele justifica esta simulação na acusação que faz aos governantes, quando os julga de não serem justos, mas tirânicos:

O principado adquirido pela força das armas, ou contrário à vontade de seus súditos, é tirânico, violento e nunca perpétuo, como fica claro no terceiro livro da *Política* (de Aristóteles). O governo tirânico é o pior de todos os governos políticos, como aparece no oitavo livro da *Ética* (de Aristóteles). Portanto, a melhor qualidade de um governo consiste em ter sido constituído para o bem comum dos súditos e não para a utilidade e glória do governante, a não ser, no máximo, como uma consequência secundária, como demonstra o filósofo, no oitavo livro da *Ética* e no quinto da *Política*. Quanto maior for a liberdade da qual gozam os súditos – que não se deve entender como alteração da tranquilidade e da paz, nem contrária ao bem comum de todos – melhor, mais nobre e mais duradouro será o governo (CASAS, 2005, VI, p. 8).

Utilizando Aristóteles, que foi o grande teórico das disputas jurídicas, tanto em Valladolid, como em outros embates acadêmicos, Las Casas diz que o governo justo, prezará pela liberdade de seus súditos para que estes *vivam bem*.

Hoje, com o privilégio de quem olha para trás, não apenas para um esboço do que seria, mas de posse do conteúdo, do que foi se pode dizer que o pensamento de Las Casas, o conteúdo doutrinário de suas obras tem um valor que transcende as circunstâncias da situação americana e oferece um interesse que pode ser levado em consideração no contexto histórico de outros povos.

Sem dúvida, esta pesquisa não se dá por satisfeita, no sentido de compreender este personagem sobre estes dois trilhos, o destruidor e o defensor, mas muitos aspectos se elucidaram e trouxeram satisfação na labuta da pesquisa acadêmica, pois é uma temática a ser mais desenvolvida.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo partiu de hipóteses pouco concretas, mas instigante, que seguiu a construção desta elaboração, hora comprovando suas premissas, hora negando-as, mas em constante relacionamento de mutação com o que se apresentava. As hipóteses, como devem ser, não estavam fixas, mas apenas servindo de orientação momentânea.

Estudar Bartolomé de Las Casas foi um presente, proporcionado pela curiosidade acadêmica, pois o personagem histórico e suas ideias estão, agora, mais vivos e claros para mim.

De posse de um referencial teórico adequado percebeu-se que Las Casas pode ser estudado como alguém que contribuiu para a destruição cultural dos povos

ameríndios, mas também olhando este personagem como alguém que compreendeu esta gente, e que apesar de defender interesses escusos, não deixou de acastelar, através dos instrumentos que lhe cabia – o direito, a política e a escrita – aqueles a quem considerou livres, e pessoalmente os incluiu.

A partir da consideração de autores como Bourdieu, Bruit e Habermas, se percebeu nesta pesquisa, que pode se considerar Las Casas como compreendendo a simulação dos indígenas como procedeu com certa simulação, para que estes fossem livres no seu compreender racional.

A obra de Las Casas é vasta, e não trabalhamos com a maioria delas, mas com muitos comentadores, artigos e teses a seu respeito.

A vida e a obra de Las Casa também desafia a nossa quietude evangélica. Qualquer que seja o Las Casa que enxerguemos, temos um Las Casa que denuncia. É atual quando se tem um sistema corrompido, seja ele político, econômico, ético, moral e espiritualmente, a igreja é instigada a denunciar profeticamente o erro, as injustiças, a corrupção e obviamente o caos espiritual das sociedades.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswaldo de. **Piratininga, Ano 374 da Deglutição do Bispo Sardinha.** *Revista de Antropofagia*(1), 11-14, maio, 1928.

BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico.** 3ª ed. Trad. de F. Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BRUIT, Héctor Hernan. **Bartolomé de Las Casas e a Simulação dos Vencidos.** São Paulo: Iluminuras, 1995.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da Historiografia:** a escola dos annales (1929-1989). 2ª ed. Tradução de Nilo Odália. São Paulo: Unesp, 1992.

Cappelle, M., Melo, M., & Brito, M. d. **Relações de Poder Segundo Bourdieu e Foucault:** uma proposta de articulação teórica para a análise das organizações. *Revista Dae.* 07 de abril de 20011, disponível em: <http://revista.dae.ufla.br/index.php/ora/article/view/193/190>. Acesso em 12 de Setembro de 2012.

CASAS, Bartolomé de Las. **Historia de las Indias.** Vol. III. Cidade del México: F.C.E, 1995.

\_\_\_\_\_. **O Paraíso Destruído:** a sangrenta história da conquista da América. Trad. de H. Barbuy. Porto Alegre: L&PM, 2011. Coleção L&PM Pocket, vol 230.

\_\_\_\_\_. **Único Modo de Atrair Todos os Povos à Verdadeira Religião.** São Paulo: Paulus, 2005.

COHNEN, F. **A "Lenda Negra": Verdades e Mentiras.** Luis Afonso, disponível em. <https://sites.google.com/site/luisafonso/lendanegra:verdadesementiras>. Acesso em 15 de Julho de 2012.

COOK, Noble David. **Born to Die:** disease and New World conquest, 1492-1650 (New Approaches to the Americas). 2ª ed. New York: Cambridge University Press, 1998.

FERNANDEZ, Santa Maria J. A. **El Estado, la Guerra y la Paz:** el pensamiento político español em el renacimiento. Madrid: Akal, 1998.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina.** 19ª ed. Trad. de Galeano de Freitas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

HABERMAS, Jürgen. **Agir Comunicativo e Razão Destranscendentalizada.** Trad. de Lucia Aragão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

\_\_\_\_\_. **A Inclusão do Outro:** estudo de teoria política. 2ª ed. Trad de George Sperber, Paulo Astor Soethe e Milton Camargo Mota. São paulo: Loyola, 2004.

LOSADA, A. Batolomé de Las Casas, o apóstolo dos índios da América Espanhola no século XVI. **O Correio.** Rio de Janeiro, ano 03, n. 04, pp. 4-10, Agosto de 1975.

LUIS, Luís. (27 de 04 de 2011). **Bartolomé de Las Casas, culpado de morticínio no México?** Christe eleison. 27 de abril de 2011, disponível em: <http://www.christeeleyson.com/2011/04/bartolomé-de-las-casas-culpado-de.html>. Acesso em 13 de Agosto de 2012.

MIGNOLO, Walter. **Histórias Locais / Projetos Globais:** colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

NAY, Olivier. **História das idéias políticas.** Trad. de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2007.

FREITAS NETO, José Alves de. **Bartolomé de Las Casas:** a narrativa trágica, o amor cristão e a memória americana. São Paulo: Annablume, 2003.

OVIEDO, Gonzalo Fernandez de. **la Historia General y natural de Indias.** Vol. I. Madrid: la Real Academia de la Historia, 1851.

DIMBLEBY, Richard e BURTON, Graeme. **Mais do que Palavras**: uma introdução à teoria da comunicação. 4ª ed. Trad. de Plínio Cabral. São Paulo: Summus, 1990.

RODRIGUES, Juan Pablo Martín. **Bartolomé de las Casas**: a pena contra a espada. Recife, Pernambuco, Brasil: UFPE, 2006.

ROMANO, Ruggiero. **Os Mecanismos da Conquista Colonial**: os conquistadores. 3ª ed. Trad. de Marilda Pedreira. São Paulo: Perspectiva, 1995.

TONUCCI, Paulo Maria e NAERT, Hoonor. **Protagonistas e Testemunhas da Conquista**. Trad. de Lewis Hanke. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.